

EXTRA

Edição especial
de aniversário

similia

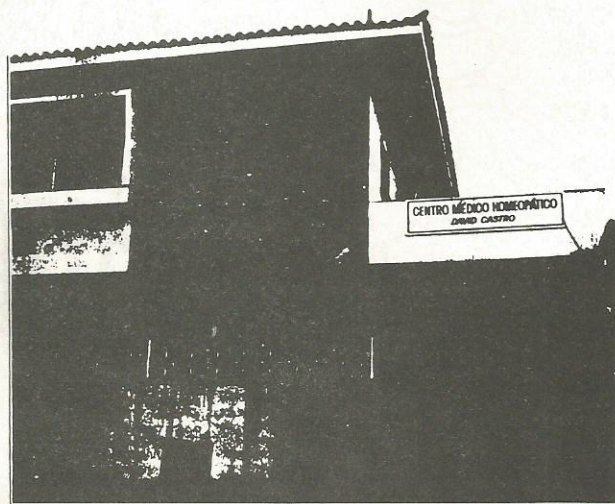
Revista de Homeopatia

Edição extra do nº 57, outono/83

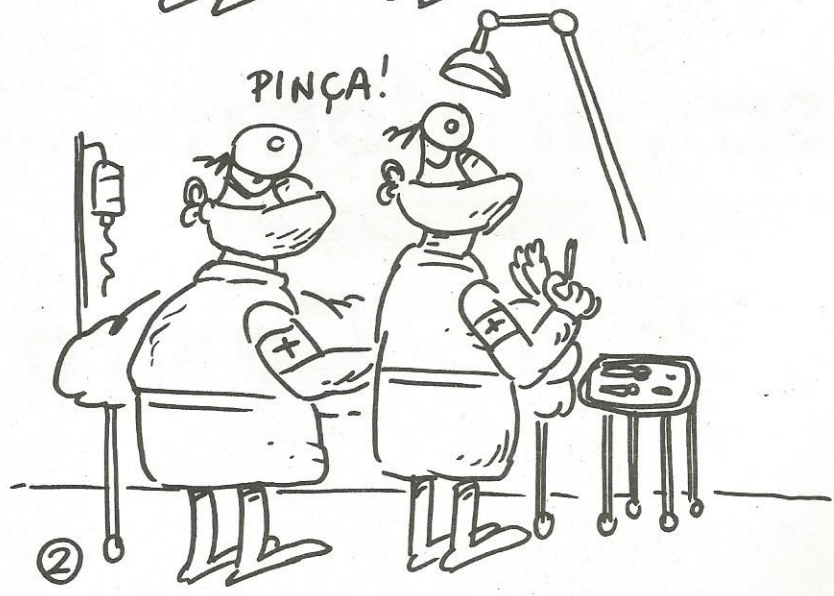
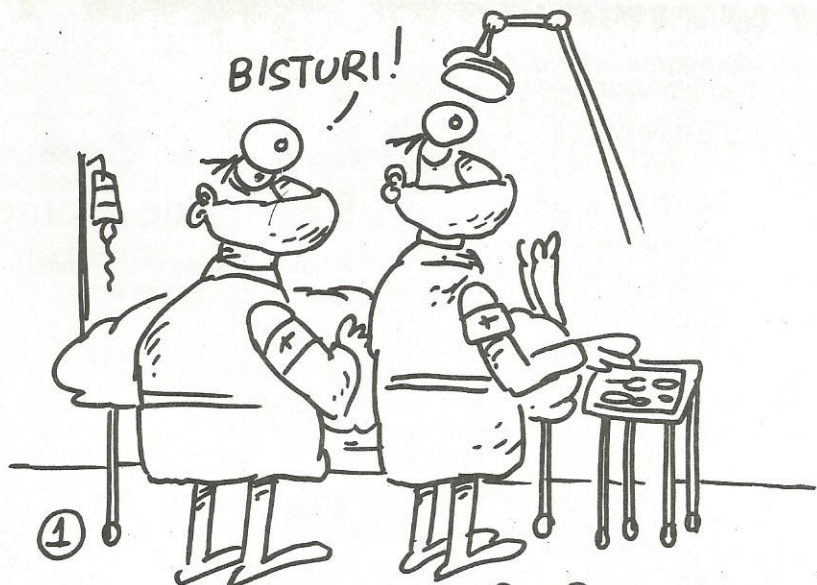
2 anos de

Hospital Homeopático

David Castro



O Centro Médico foi
inaugurado em 2 de maio
de 1981



*“Para curar
é preciso
antes amar
o doente”*

S. Hahnemann

SIMILIA EXTRA

Esta publicação é uma
edição especial do nº 57

Fundador:

David Castro

Jornalista responsável:

Rafic Ayoub

(reg. M.T. 11.692)

Conselho editorial:

Louisa Melkonian Djehdian,

Maria de Fátima Rimoli,

Mario Ferrara Jr.,

Sônia A. B. de Brito,

Sylvio Antonio Mollo,

Editor-chefe:

Rafael Ayoub

Redação:

Hassan Ayoub

Produção gráfica:

Cassiano Polesi

Ilustrador:

Cleber A. Papa

Secretaria:

Vagner Doja Barnabé

Similia é uma publicação do Grupo

de Estudos Homeopáticos “Benoit

Mure”, rua Tucuna, 994, Pompéia,

fone: 62-5232, CEP: 02163

Colaboraram neste número: Grupo

de Estudos Homeopáticos de São

Paulo “Benoit Mure” e Edmundo

Epifânio

Composição e impressão DGABC

Ao leitor

Há dois anos nascia em São Paulo o Centro Médico Homeopático “David Castro”; não se diagnosticava o seu estado e não se prognosticava o seu futuro.

Diagnóstico? Apenas uma criança pequena, desprotegida e muito estranha. Talvez possuidora de forte padrão hereditário solidificado pelo seu patrono David Castro.

Prognóstico? Nenhum.

Hoje, dois anos depois, já algo diferente se passa. Essas perguntas aparecem com respostas um pouco diferentes.

Diagnóstico – Um pequeno Centro Médico, de instalações simples. Um ambulatório bastante ativo, um Pronto-Socorro muito importante para o momento histórico atual da Homeopatia Brasileira, e centro de ensino de Homeopatia para médicos e dentistas que constantemente a procuram, uma Maternidade no melhor sentido homeopático, um hospital de clínicas para o necessário seguimento ou observação dos casos clínicos mais graves. E ainda mais do que tudo isso, um Centro Médico de nova mentalidade, aberta, dinâmica, corajosa que aceita o desafio da ilusão técnico-científica em que se envolve a assistência hospitalar dos dias atuais e se propõe a não oxigenar, não aspirar, não transfundir, não esterilizar e sim ter sempre em mente a reação natural do organismo e a possibilidade do estímulo homeopático a essas reações.

Prognóstico – A implantação de um pensamento médico homeopático genuíno, caracterizado pela mais absoluta observância de um espírito científico crítico e de observação constante do complexo humano.

Este é o Centro Médico Homeopático de São Paulo “David Castro”, onde nós médicos e dentistas homeopatas vivemos nossa Arte e nossa Ciência, onde queremos que nossos clientes, que o procuram, sintam um pedaço de sua casa, onde se assentam firmemente os alicerces do futuro da Ciência Homeopática, onde Hahnemann tem a sua casa.

Leia nesta edição:

A utopia de Benoit Mure.....	pág. 4
David Castro e seu empenho pela Homeopatia.....	pág. 6
Vida e obras de Hahnemann.....	pág. 8
A situação da Homeopatia no Nordeste.....	pág. 10
Depoimento de um paciente.....	pág. 11
Regulamentação do médico homeopata.....	pág. 12
O comedor de comprimidos.....	pág. 13
A Homeopatia nas Forças Armadas.....	pág. 14
Imprensa.....	pág. 15
Equipe do Centro Médico Benoit Mure.....	pág. 16

A utopia de Benoit Mure

—por Vagner Doja Barnabé—

O homem é um ser social. E é por esta razão que ele se organiza em grupos, criando as assim chamadas 'sociedades'. E é nas sociedades que, por sua vez, o homem se projeta como indivíduo, e como indivíduo busca incessantemente a felicidade.

A partir destas considerações podemos compreender as formas que as sociedades vêm se apresentando desde a mais remota antiguidade até os nossos dias, onde, a luta entre as diversas ideologias sociais (aliadas ao egoísmo humano), leva-nos a tão poucos instantes de paz e a tão longas e penosas guerras, pois seja quais forem as ideologias acabam servindo aos interesses egoístas de pequenos grupos em detrimento do restante da humanidade, alastrando-se cada vez mais a miséria e o sofrimento.

E foi pensando nisso que alguns homens, ao longo da história, se levantaram em meio à ruína e idealizaram formas perfeitas de sociedades, onde o homem pudesse viver em paz e em plena liberdade. Estas sociedades perfeitas receberam o nome (paradoxalmente) de Utopia, que significa país imaginário, em que tudo está organizado da melhor forma; sistema ou idéia irrealizável; fantasia.

A mais antiga das Utopias deve-se a Platão (séc. IV a.C.) que desenvolveu toda a idéia de uma sociedade perfeita em seu discurso "A República". Depois, com o advento do Renascimento (séc. XVI), surgiram as grandes idealizações utópicas como a "Utopia" de Thomas More, "A Nova Atlântida" de Francis Bacon, "A Cidade do Sol" de T. Campanella. Mas, creio eu, a Utopia atinge seu caráter mais humanístico no pensamento de Charles Fourier (Séc. XIX), que desenvolveu as bases do socialismo utópico, materializado na idéia do Falanstério. Seu pensamento foi inspirado nos iluministas e os elevados ideais de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa de 1789, bem como na sua repulsa e indignação diante do flagelo da Revolução Industrial.

O Falanstério é uma sociedade na qual homens livres trabalham apaixonados, em perfeita harmonia, encontrando a suprema alegria nas obras produtivas; onde a fraternidade é a mola mestra da ação dos homens, que seriam iguais e por isso livres. É a idealização de um homem que sentia profundamente a ignomínia dos comércios e a violência implantada pela crescente industrialização e pelo fortalecimento do capitalismo. Nesta sociedade surrealista, a felicidade de um homem não se faria pela infelicidade de outros, ao contrário do que ocorre em nossa sociedade civilizada, onde o homem de lei tem necessidade da discórdia, os mercadores regozijam-se com a fome e os médicos com as epidemias, enquanto os empresários prosperam em função do empobrecimento dos operários.

Em particular, a medicina no Falanstério teria um caráter diferente do que vemos na sociedade civilizada. "Na civilização (diz Fourier) o médico recebe proporcionalmente ao número dos doentes que tenha tratado; convém-lhe, portanto, que as enfermidades sejam numerosas e longas, principalmente na classe rica. O contrário ocorre na Harmonia; aí os médicos



Benoit Mure

são retribuídos com um dividendo sobre o produto geral da Falange. Quanto menos enfermos e mortos ela tiver no decurso do ano, tanto mais dividendos serão concedidos aos médicos. O interesse dos médicos é o mesmo que o dos seguradores de vida: interessam-se no sentido de cuidar para que nada comprometa a saúde de nenhuma classe, que a falange tenha bons anciãos, crianças robustas e que a mortalidade se reduza ao mínimo". Assim como Fourier descreve a atitude dos médicos no Falanstério, devêmo-las estender a todas as outras formas de trabalho; todos dirigindo seus esforços para o bem da comunidade.

Dirá, o leitor atento, que Fourier era um visionário, um sonhador, pois, receio, parece-nos impossível imaginar tal sociedade, onde se trabalha pelo amor de servir, enquanto temos diante de nossos olhos um modelo tão tragicamente diferente. Em verdade, Fourier não era um homem de ação, e nem o necessitava ser, pois a sua função principal foi a de imaginar um mundo perfeitamente harmonioso. A função da ação, isto é, da concretização de sua Utopia, deixaria aos homens que se sensibilizassem pelos seus ideais, que sofressem como ele pelo sofrimento humano e que estivessem dispostos a impor novo rumo à humanidade. E foi um homem de ação, um eminente médico homeopata, discípulo de Hahnemann e de Fourier, que imbuído dos mais nobres sentimentos, veio para o Brasil tentar construir o Falanstério. Este homem era Benoit Mure, que trazia consigo, além dos ideais socialistas, a Homeopatia.

Aqui começa nossa epopéia. Benoit Mure chega ao Brasil em 1840 trazendo consigo todos os sonhos e aspirações de uma sociedade de mecânicos franceses, que ajudara a fundar em Paris, além de um projeto de colonização baseado nas idéias de Fourier.

Esta sociedade francesa era constituída por homens especializados na construção das mais modernas máquinas inventadas na Europa até então; eram homens que acima de tudo queriam um lugar onde pudessem trabalhar, pois o estado de sofrimento e as constantes crises em que se achavam as indústrias na Europa inspiravam a emigração; e era na América que se fazia urgente a vinda de colonos para suprir as necessidades de mão-de-obra, uma

vez que a escravatura tornava-se insustentável.

O objetivo principal desta comunidade a ser constituída seria o progresso das artes e da indústria, desenvolvendo condições de vida mais humana e implementando um grande desenvolvimento à nação. Haveria um seguro mútuo integral que tornaria solidário todos os interesses, de forma que uma pequena dedução do produto do trabalho, um fundo de socorro contra as doenças, falta de trabalho e as enfermidades da velhice, fosse repassado a este seguro mútuo. Assegurar-se-ia o estudo para todos indistintamente, e cada um preencheria a função que fosse capaz de desempenhar - "não haveria, como hoje, médicos que a natureza destinou para sapateiros e pedreiros que poderiam ser Rafaéis". Em suma, seria o respeito humano levado ao seu mais alto grau.

Teve início, então, as peregrinações de B. Mure para conseguir a permissão do governo brasileiro para, então, empreender a obra, o Falanstério brasileiro. Inicialmente conseguiu permissão do jovem imperador D. Pedro II para procurar as terras necessárias à fundação da comunidade. Ele as encontrou em Santa Catarina, numa península formada pelo rio Saí, uma porção de terra que apresentava todas as características necessárias ao empreendimento, um solo rico, coberto de boas madeiras de construção, grande número de cascatas, tudo aliado a um excelente clima; era a verdadeira Terra Prometida.

Encontradas as terras, conseguiu uma pequena ajuda financeira do governo brasileiro para trazer da França os colonos e dar início à construção da colônia. Os primeiros 100 falanstérios chegaram ao Rio de Janeiro em 14 de dezembro de 1841 com tantos sonhos e esperanças como se tivessem atingido o próprio Canaã onde, seguindo as idéias de Fourier e guiados por B. Mure, lançariam as bases de uma nova idade de ouro para a humanidade do futuro.

Seis meses depois de sua chegada, os colonos já haviam conseguido grandes progressos, que chegaram a encher de esperanças B. Mure - "Penso, pois, que não temos perdido o nosso tempo. Penso também que a cada instante da nossa existência colonial o terreno que ocupamos apresentará um aumento de valor igual aos adiantamentos

que temos recebido..."; e em seu entusiasmo, mostra os verdadeiros fins que o levaram à empresa: "Admiram-se no Rio de Janeiro de que juntemos aos nossos projetos industriais a solução de um problema moral mais elevado ainda - problema tão antigo como o mundo, problema que é o fim de todos os atos humanos, a felicidade - "Assustaram-se de que o nosso movimento colonial se operasse pelos discípulos de Fourier. Nunca se levou a efeito um grande movimento de emigração sem um fim moral... os corpos não se agitam senão depois de estarem agitados os espíritos. Não há efeito sem causa!"

Apesar do grande trabalho dos colonos o Falanstério do Saí começou a decair rapidamente de produção, isso porque, sendo uma colônia industrial, as encomendas de máquinas e de produtos industriais em geral não ocorreram, nem por parte do governo nem dos empresários particulares, o que levou aos carpinteiros, engenheiros, maquinistas, a trabalharem na terra o que como acontecia aos colonos brasileiros, ganhavam apenas o suficiente para o seu sustento. A falta de recursos ao cabo de um ano era quase que total. Assim antevia-se um triste futuro à colônia. Uma grande preocupação pode-se observar em B. Mure em correspondência datada de janeiro de 1843. A colônia industrial marchava rapidamente à ruína por falta de recursos e atenção por parte do governo. Em vão o Dr. Mure chamou a atenção para estes problemas.

Pouco a pouco os colonos abandonaram aquela região, descrentes das teorias que haviam abraçado com tanto calor. Em maio de 1844 ficava sepultada definitivamente, no Saí, a utopia de Benoit Mure; o Falanstério, um projeto humano, demasiadamente humano!

Mas se o ideal do Falanstério não logrou, não podemos dizer o mesmo da outra semente que Benoit Mure plantou em nosso solo, a Homeopatia, pois essa sim, se desenvolveu, deu bons frutos e se encontra profundamente enraizada em nosso povo. Se Benoit Mure não conseguiu nos deixar a mais nobre das sociedades, ao menos nos deixou a mais nobre das artes de curar; e arte tão nobre é ao mesmo tempo, parte de uma "Utopia" maior que cabe a todos nós de todos os tempos, realizar: "o ser humano livre em todo o seu esplendor, emanante do Bem e do Amor absolutos." ●

David e Golias: história se repete também na Homeopatia

Vitória sobre os filisteus. A derrota do gigante Golias. Rei, profeta, possuidor de evoluído dom - artístico, assim foi um dos primeiros reis e um dos fundadores da civilização hebraica. E a história se repete, ou melhor, reafirma as grandes verdades, às vezes mesmo nos menores detalhes. Até mesmo num nome... A Homeopatia, um dos mais profundos campos do conhecimento humano, o grande livro da cultura médica moderna, é profusa nestes acontecimentos ou "coincidências". O Rei David foi abençoado por

David Castro

Samuel... e foi um Samuel o fundador da Homeopatia - Christian Frederic Samuel Hahnemann. Também a Homeopatia, como a grande cultura hebraica, vem encontrando ao passar dos tempos, os seus filisteus e também os seus David e Guizot (ministro da cultura francês, que solicitado a impedir Hahnemann de praticar a medicina, pelos membros da Academia de Ciência, responde: "...deixemo-lo, pois, se a Homeopatia for uma quimera, desaparecerá por si mesma, mas se for uma verdade, prevalecerá sobre os tempos...").

E no Brasil de nossos dias ela ainda prevalece, mesmo sob a mira de seus detratores ou sob os muros dessa grande Cultura Médica e nela adormecidos. E é desses nossos tempos um grande David da Homeopatia moderna, que faz seus os problemas e a luta da Homeopatia, não contra os alopatas mas contra os maus homeopatas "pois, estes sim são o meu problema". O nosso David, que dedicou toda sua vida a combater a má Homeopatia, a indicar o caminho certo do estudo e do aprendizado homeopáticos, através do conhecimento, pelos brasileiros, das escolas homeopáticas argentina e mexicana, por ele apresentadas aos homeopatas brasileiros.

Grande incentivador das associações homeopáticas, foi um dos marcos da Associação Paulista de Homeopatia e um de seus ex-presidentes. Incentivador da Homeopatia no Rio Grande do Sul e fundador de sua Associação Médica Homeopática. Iniciador de nova fase da Homeopatia brasileira, contribuiu diretamente ou organiza a tradução de várias obras inclusive da maior obra de Hahnemann, o Organon da Arte de Curar. Trabalhador incansável pela Homeopatia, percorreu todo o Brasil em conferências pelas Faculdades de Medicina, por sua própria conta, indo de Sorocaba à Recife, sua terra natal, passando em suas andanças por Brasília, Manaus, Salvador e por todos os rincões deste imenso país. Estudioso, pertinaz, faz-se livre-docente em Homeopatia pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, concursa-se pelo agora INAMPS, especializa-se em Medicina Esportiva, inscreve-se como jornalista e funda e mantém em circulação a revista homeopática Similia. Ágil e inteligente é reeleito vice-presidente para o Brasil da Liga Médica Homeopática Interna-

cional por quatro vezes seguidas e mantém-se ensinando aos médicos mais jovens até o fim de sua vida.

Assim foi o nosso mestre David Castro, pernambucano de Recife, nascido a 2 de maio de 1915, formado em Medicina pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro em 1939 e por ela Livre-Docente de Clínica Médica Homeopática em 1958, Vice-Presidente da LMHI de 1961 a 1975, fundador do Boletim de Homeopatia em 1942, que continuou pela revista Similia até 1980, quando faleceu no Rio de Janeiro aos 5 de outubro deste mesmo ano. ●

Alguns pensamentos de David Castro

Laxantes, purgativos e a Homeopatia

Em nosso primeiro livro, publicado em 1944, "Homeopatia-terapêutica positiva", fizemos comentários sobre os laxantes e purgativos e a Homeopatia. Pouca coisa temos de dizer a mais, pois a crítica continua atual, tendo poucas modificações em torno do assunto.

É verdade que já não se pensa e se faz como no século passado, nos tempos de Hahnemann. O criador da Homeopatia, no início do século 19 criticava veementemente o uso dos laxantes e purgativos, além de outras terapêuticas existentes naquela época. A frase é conhecida de alguns médicos antigos, ainda vivos: "Sangrare, Purgare, Clistere Donare". Sim era isso mesmo: os doentes tinham que ser purgados ou então serem submetidos a clisteres, sem falar das sangrias usadas abusivamente e que teriam "derramado" mais sangue que as guerras napoleônicas.

Naquela época, 1944, criticávamos o uso de determinadas pílulas purgativas que anunciavam serem feitas à base de ervas, o que não era verdade pois continham fenolftaleína, um purgativo alopa.

Depois vieram as substâncias oleosas que hoje estão sendo condenadas (petrolatos). Todos estão

usando e abusando dos laxativos de contacto, menos prejudiciais, mas que não têm ainda a sanção do tempo e breve serão considerados maléficos.

É preciso esclarecer que a prisão de ventre é um mal geral e que o uso de laxantes ou purgativos pouco adianta: têm efeito imediato, mas não vão à causa. É o caso de uma pessoa que vive num ambiente sujo, imundo. Pode tomar banho e fazer o maior asseio, mas se voltar ao ambiente, continuará sujo até nova limpeza.

A terapêutica homeopática agindo sobre a causa da prisão de ventre, levando em consideração o enfermo, como um todo, resolve satisfatoriamente a perturbação, não curando a prisão de ventre do homem, mas o homem com prisão de ventre. É como dizia meu mestre Braga e Costa: "Não há pernas e braços doentes: há homens doentes que sofrem nos braços e nas pernas". Há sempre a considerar, como queria Hipócrates, o indivíduo. ●

Homeopatia e os psicotrópicos

Dizem alguns doentes que um dos grandes males da Homeopatia é o de não ter medicação calmante ou contra a insônia para os que se consideram "nervosos". É verdade: no método homeopático não existe calmante ou mesmo medicação para os que não conseguem conciliar o sono.

E a explicação é muito simples: a doutrina de Hahnemann ensina que o doente é um todo, que não há independência funcional dos órgãos. A Homeopatia encara o paciente no seu conjunto; ela é portanto individual, a medicina da pessoa humana.

Acostumados com a medicação prescrita pelos colegas da escola oficial, que tem como princípio a lei dos contrários, que não é curativa e sim paliativa, ela é dirigida ao sintoma de que o paciente se queixa. Tem febre? Antitérmico. Tem dor? Analgésico. Tem insônia? Um sonífero. Tem tosse? Um antitussígeno. Tem diarreia? Um anti-diarreico. Tem prisão de ventre? Um purgativo. E vamos por aí a fora, sempre com medicamentos contra e nunca a favor do doente... O pobre do doente tem que lutar em duas frentes: contra a doença e contra o

medicamento. A Homeopatia é sempre a favor do doente, não tem contra indicação, não é tóxica nem tem efeitos colaterais.

Com referência aos psicotrópicos, realmente eles acalmam os doentes NO INÍCIO. Dá sensação de euforia, de grande melhora. Mas depois... Vem o hábito, o costume, a dependência da droga. Não produz mais o relativo efeito, quase imediato, e o doente se vê obrigado a aumentar as doses (existem psicotrópicos de 2 a 5 e até 10 miligramas) caindo no que se chama **DEPENDÊNCIA** da droga. E notem que muitos dos doentes têm seu psiquiatra ou psicanalista, que muito prometem e pouco fazem (não porque queiram, mas porque não podem fazer melhor).

Os medicamentos homeopáticos podem curar os doentes "nervosos", com insônia, agitados, ansiosos, "estressados". Mas o médico homeopata não leva em consideração APENAS a insônia, ou o nervosismo do doente. É feito um interrogatório longo, profundo e demorado, não visando os efeitos e sim a causa da doença. Tudo isso já foi dito inúmeras vezes, mas parece que muitos doentes e mesmo muitos homeopatas não sabem. ●

A vida de Hahnemann

“A mais alta e única missão do médico é restabelecer a saúde nos doentes, que é o que se chama curar”.

Assim escreveu Christian Friedrich Samuel Hahnemann no 1º parágrafo

de seu “Organon da Arte de Curar”; parágrafo que nos dá uma indicação segura sobre os fins últimos de um homem que dedicou toda sua vida à elaboração de uma ciência, que unida à uma profunda filosofia humanista, pudesse livrar a humanidade de toda dor, de todo sofrimento que ainda hoje a marca profundamente. E Hahnemann logrou seus objetivos quando estabeleceu os princípios

da Homeopatia. É muito fácil contemplarmos uma obra quando esta já está terminada (mesmo quando “término” signifique “início”); nos é muito cômodo estarmos com os olhos no passado mas com o resto do corpo e a alma presos ao presente, longe das tormentas que geraram as obras, que determinaram



Christian F. S. Hahnemann

a história; assim parece-nos difícil sentir quanta luta há para que o ato da criação se nos apresente, quanto sofrimento daquele que cria para dar vida ao que rebenta e torná-lo aceito no mundo, para e pelo qual foi feito. Assim é a história de Hahnemann, uma história de criação e portanto de luta e abnegação. Mas deixemos o próprio Ulisses iniciar sua Odisséia:

“Eu nasci em 10 de abril de 1755 no Eleitorado da Saxônia, uma das regiões mais bonitas da Alemanha. Isso pode ter contribuído muito para minha adoração das belezas naturais, enquanto tornava-me adulto. Meu pai, Christian Gottfried Hahnemann, junto com minha mãe Johana Christiana Spiess, ensinaram-me como ler e escrever enquanto brincava. Meu pai morreu há quatro anos atrás. Sem ter sido profundamente versado em ciência — ele era um pintor de uma fábrica de porcelana daquela cidade e o autor de um breve tratado de pinturas em aquarela — ele descobriu por si mesmo as mais sólidas concepções do que é ser bom e o que pode ser considerado digno de homem. Ele implantou essas idéias em mim. “Agir e viver sem presunção ou exibicionismo”, foi o seu preceito mais louvável. Impressionou-me mais por seus exemplos que por suas palavras. Frequentemente ele estava presente, embora não observado, quando algo de bom estava para ser consumado.

“Em suas ações ele diferenciava entre o nobre e o ignóbil a um alto grau de corretismo e delicada prática de sentimento, como era altamente louvável nele; nisto também ele foi meu professor. Suas idéias sobre os princípios primordiais da criação, a dignidade da humanidade e seu elevado destino, pareciam consistente em todo o caminho, com seu modo de vida. Isto foi o fundamento de minha educação moral”.

Assim Hahnemann inicia sua autobiografia, escrita em 1971, onde se refere depois, ao Magistro Müller, Reitor da Escola Princesca, dizendo de todo respeito por aquele que o iniciara, ainda jovem, em seus primeiros estudos das línguas clássicas e que iria exercer perceptível influência sobre seus estudos posteriores.

De inteligência invulgar, aos 14 anos já sabia tanto que substituiu o professor de grego no ensino desta

língua. Estuda até os 20 anos na Escola Princesca de Sta. Afra, quando em 1775, inicia seus estudos médicos na Universidade de Leipzig. Era como tradutor e professor de línguas que provia seus sustentos; conhecia profundamente grego, latim, italiano, francês, inglês, alemão, hebraico, sírio, árabe, espanhol. Procurava sempre traduzir livros de assuntos que desejava aprender e assim cada vez mais ampliando seus conhecimentos. Em 1779 transfere-se para a Universidade de Erlangen onde a 10 de agosto defende sua tese de doutoramento.

Era apaixonado pelos estudos de física, química, história natural e principalmente mineralogia. Hahnemann por seu interesse em mineralogia chegou a contactar com José Bonifácio de Andrade e Silva, nosso maior mineralogista da época.

Casa-se a 17 de novembro de 1782, com Joanna Leopoldina Henriqueta Kuchler, ela aos 17 anos e ele aos 27 anos; tiveram 11 filhos.

Em Dresde conheceu Lavoisier e exerceu as funções de médico legista, em substituição ao Dr. Wagner, seu amigo que se encontrava acamado. Em Química Judiciária escreveu “O Envenenamento pelo Arsênico, seu Tratamento e Pesquisas Jurídicas”, onde apresenta meios próprios para constatar o envenenamento pelo arsênico, promovendo grande desenvolvimento da química judiciária e a interdição da venda livre do arsênico como “pó para febre”. Redigiu uma série de prescrições que ainda hoje são respeitadas universalmente.

Em 1787, rico e com vastíssima clientela, começou a constatar a imprecisão dos meios da medicina de seu tempo e desde então não quis mais exercer a arte onde tudo era empírico. Vinha observando a ausência de base científica no tratamento prescrito. Sem lei orientadora, sem previsão, sem um caráter enfim que lhe evitasse as constantes vacilações. Juntando-se a isto, houve a doença de um seu amigo do qual foi médico assistente, quando apesar dos seus esforços e de medidas heróicas não foi possível salvá-lo.

Isto fez com que desistisse da medicina, e abandonasse todos os seus clientes, dedicando-se somente aos estudos.

Em 1790 traduzindo a Matéria Médica de Cullen, encontrou expli-

cações contraditórias e resolveu experimentar em si mesmo a China, concluindo pela lei dos semelhantes.

Em 1796 publica “Ensaio sobre um novo princípio para descobrir as virtudes curativas das substâncias medicinais seguido de alguns comentários sobre os princípios admitidos até nossos dias”; primeira publicação sobre a nova doutrina. Muito perseguido por farmacêuticos e médicos viu-se muitas vezes forçado a mudar de uma cidade para outra.

Em 1810 publica o “Organon da Arte de Curar”, em sua primeira edição, uma de suas mais importantes obras dentro da doutrina Homeopática, cuja sexta edição e última, foi póstuma, em 1923. Em 1811 inicia a publicação de sua “Matéria Médica Pura”, que se completa em 1821, em seis volumes. Em 1828 publica “Doenças Crônicas, de sua natureza e de seu tratamento homeopático”, obra de suma importância dentro da doutrina Homeopática.

Em 10 de agosto de 1829, Hahnemann comemora o cinquentenário de doutoramento e realiza-se em Kothen o 1º Congresso Homeopático”, presidido pelo mestre. A 31 de março de 1830, falece sua esposa. Em 1832 abre-se o primeiro Hospital Homeopático, que sendo mal dirigido fecha em 1842.

Aos 18 de janeiro de 1835 casa-se em segundas núpcias com Marie Melanie D’Hervilly Gohier, de nacionalidade francesa, ele aos 80 anos de idade e ela aos 37 anos. Muda-se então para Paris. Os médicos franceses, então, pedem ao ministro da Instrução Pública, Guizot, que impeça-o de praticar a medicina, ao que o ministro responde: “Hahnemann é um sábio de grande mérito. A ciência deve ser para todos. Se a Homeopatia é uma quimera ou um sistema sem valor, cairá por si própria. Se ela é ao contrário, um progresso, se expandirá apesar de nossas medidas proibitivas, e a Academia deve lembrar-se antes de tudo que tem a missão de fazer progredir a ciência e de encorajar as descobertas”. O mestre obteve autorização para trabalhar em 12 de outubro de 1835.

Morre em Paris, a 2 de julho de 1843 aos 88 anos de idade, ainda em plena atividade intelectual, como comprova sua correspondência da época.

Bom desenvolvimento da Homeopatia no Nordeste

—depoimento de Laércio do Egito, médico homeopata—

Recebemos carta do Dr. Laércio do Egito, médico homeopata clinicando em Recife, Pernambuco, relatando a situação da homeopatia na região Nordeste do país. Publicamos aqui alguns trechos dessa carta: "A Homeopatia no Nordeste vai de vento em popa e de uma forma que considero sadia. Logo que cheguei aqui profissionalmente não tive dificuldades pois no Nordeste não havia nenhum homeopata. Para sanar esta situação organizei um cursinho com duração de dois anos e com a participação de médicos e doutorandos de Sergipe até o Rio Grande do Norte. O aproveitamento foi mais do que satisfatório, pois todos os participantes eram bem idealistas. Terminado o I Curso tenho a alegria de sentir que meus esforços não foram em vão. Aracaju atualmente tem dois bons homeopatas. Maceió tem um grupo maior, cerca de 6 com consultório, um bom grupo de estudos que por sua vez está orientando novos membros de uma forma bem sadia. Em João Pessoa (Paraíba) a coisa está bem melhor, pois o grupo de lá, cerca de 10 colegas acabam de fundar a Sociedade Paraibana de Homeopatia. Tivemos sorte com aquele grupo pois contava com dois professores da Universidade e isto deu muita força ao movimento naquela cidade. Hoje a Homeopatia é muito respeitada na Universidade e na Sociedade de Medicina Local. Graças aos esforços da Virgínia Lucia Siqueira Melo (Profª. ligada ao Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de João Pessoa) que fez o curso conosco, certamente em breve a Homeopatia fará parte das disciplinas daquela faculdade. O projeto da cadeira de homeopatia praticamente está aprovado. Falta unicamente passar pela última reunião do Conselho de Centro que será no dia 17 de abril próximo. Mas tudo está certo, será apenas "pro forma". Assim, com grande probabilidade a partir do 2º semestre do corrente ano teremos a Homeopatia como uma das cadeiras oficiais daquela Escola Médica. No Rio Grande do Norte o grupo vai muito bem e o pessoal da Faculdade de Medicina em grande parte é simpático à Homeopatia, já havendo mesmo sido feito um curso informativo promovido pelo Departamento de Nutrição daquela Escola. O grupo está muito sólido e creio que os frutos virão logo. No Ceará, graças aos esforços do Dr. Luiz (que se tornou homeopata após haver se curado de uma cirrose crônica conosco) há um grupo bem organizado, estudando e já exercendo a profissão. Há alguns meses se integrou àquele grupo um colega que fez o curso de Homeopatia em Londres. Periodicamente tenho ido dar aula lá em Fortaleza. Este ano iniciei um outro curso com duração de 2 anos e com 360 hs. de aula. Frequentam este Curso colegas de todos os estados do Nordeste. Será ministrado por mim e colega de fora como Nicola, Galvão, Felix, Henrique, Sposati (todos de São Paulo) Mateus (Campinas), Gamarra (Curitiba) Maria Amélia (Bahia) e também alguns do Rio. Sei que deve haver muitos outros colegas capazes e que trazem uma boa quantidade de idéias próprias, amadurecidas. Estou organizando atualmente, com o apoio da Dra. Maria Lucia, de Ribeirão Preto, e do Dr. Poseti de Araraquara, um curso para farmacêuticos. Creio que a partir do 2º semestre deste ano também esse curso terá início. Em Recife já funciona há cerca de 3 anos a Sociedade de Homeopatia de Pernambuco, com reuniões regulares e boa harmonia entre os membros. Está, pois, as notícias daqui." Agradecemos ao Dr. Laércio pelas informações. Parabéns aos valerosos colegas de todo o Brasil que trabalham por uma Homeopatia honesta e bem feita. ●

Atendimento: chave para dar segurança a novos pacientes

—depoimento de Edmundo Epifanio—

Meu contato com o **pronto socorro homeopático**, foi praticamente simultâneo ao da medicina homeopática.

Devido às atividades do PSH em duas básicas: o atendimento médico de urgência – na verdade uma consulta médica “fora de hora” – o paciente após o diagnóstico, com mais segurança volta para sua casa a fim de curar-se; e o atendimento hospitalar, quando o doente é encaminhado por seu médico ou pelos médicos plantonistas, para uma internação.

Na verdade quase sempre fui ao PSH à procura de um atendimento médico de urgência – o que poderia ser resolvido em parte por um plantão no consultório médico. Deve ficar claro, no entanto, a importância de tal atendimento médico de urgência para o iniciante na homeopatia. A opção pela medicina homeopática só se completa quando o paciente está totalmente seguro dessa opção e, nessa fase transitória entre o início da passagem e a opção definitiva, é necessário um grande e contínuo apoio dos médicos. Daí a necessidade de um atendimento médico de urgência eficiente.

O atendimento médico de urgência do PSH que senti, foi aquele desenvolvido por estagiários e, a característica identificadora do estagiário é a insegurança. Assim, meus contatos com o atendimento médico de urgência foram desanimadores, só não chegando a desistir de minha opção devido ao apoio dos médicos a quem liguei-me como cliente.

Entendo que esse problema realmente não é fácil de ser resolvido. Como treinar um médico na homeopatia após cinco ou seis anos de uma medicina acadêmica tecnicista e desligada da realidade? Como substituir a visão compartimentada e estanque da medicina especializada, pela medicina totalizadora ensinada por Hahnemann?

Precisamos de mais e mais médicos homeopatas, mas o cuidado na formação desses quadros deve ser muito grande para que não sejam sacrificados os pacientes – e principalmente os pacientes em transição da medicina alopática.

A outra atividade do PSH – o atendimento hospitalar – também é extremamente importante para o cliente novíço. É outro reforço para torná-lo seguro na sua opção médica. Quanto a esse atendimento, pelo menos na minha experiência, pouco reparo devo fazer.

Em primeiro lugar importa ressaltar a decisão de internamento. Enquanto na medicina alopática é imposição, na homeopatia é resultado de um consenso entre médico e paciente. A entrada num hospital por decisão do paciente é um primeiro passo para uma recuperação pois há uma admissão implícita para quem entra, do efeito terapêutico da internação. A presença de membros da família (ou mesmo amigos) desejados pelo internado, é sem dúvida um fator positivo para a cura.

No hospital, um atendimento contínuo e eficaz aumenta a segurança do paciente. E isso foi sentido no PSH. Médicos e pessoal da enfermagem que lhe chamam pelo nome e estão informados do seu “caso”, não constituem só um “public relation” simpático. Dá consciência ao paciente de que está no meio de muita gente interessada nele e, sem dúvida, isso interfere no seu humor e na sua colaboração para com a terapia.

Todo aquele que já passou pelos “modernos” centros hospitalares dessa avançada metrópole que é São Paulo, sem dúvida tornará sua opção pela homeopatia definitiva se receber o tratamento hospitalar pelo qual passei no PSH. Sem as intalações mirabolantes dos nossos grandes hospitais, tem no entanto o tratamento humano que há muito sumiu de praticamente todos os “nossos hospitais”.

Apesar de minha curta experiência como optante pela homeopatia, é importante reafirmar o significado do PSH para a cidade de São Paulo. Resta no entanto, uma participação mais ativa de todos os genuinamente envolvidos na medicina homeopática de São Paulo para que cresça cada vez mais a presença do PSH na vida dos médicos e pacientes que optaram pela homeopatia. ●

Dificuldades de registro do médico homeopata

Nestes últimos anos um dos assuntos mais polêmicos entre os Homeopatas brasileiros e também entre estes e seus colegas alopatas tem sido, sem dúvida, o registro e reconhecimento do exercício da Homeopatia nas associações médicas do país. Assunto polêmico porque, é claro, o médico homeopata já vem clinicando no Brasil desde 1840 e se apenas agora a Homeopatia é reconhecida pelas associações médicas brasileiras, qual a posição do médico antes? Charlatão?... A Homeopatia goza de um particular reconhecimento, sempre fácil, no seio dos governos de todos os países em que se introduziu. Assim, Hahnemann sempre esteve sob a proteção dos governos alemães e ao mudar-se para a França, ficou sob a proteção de seu governo, apesar das pressões em contrário da Academia Francesa. Na Inglaterra a Homeopatia foi logo adotada pela Casa Real e ainda hoje a Rainha Elizabeth II tem como médico pessoal um homeopata (de resto, uma tradição entre os reis ingleses). Na Índia é a medicina oficial de seu governo e no México há o seu reconhecimento e uma Faculdade de Medicina Homeopática do governo. No entanto, o mesmo não ocorre em relação às associações médicas - na Inglaterra há uma terrível oposição à Homeopatia de parte das associações alopáticas, na França essa pressão é constante e quis-se impedir Hahnemann de clinicar, o que não se conseguiu justamente pelo apoio do Ministro (Min. Guizot). Na Argentina o governo libera e fiscaliza a produção e o comércio dos medicamentos homeopáticos e, no entanto, os médicos são impedidos de se declararem homeopatas; há poucos meses o governo de Córdoba proibiu o seu exercício (é ele médico alopata no exercício do governo provincial).

No Brasil a situação não poderia ser diferente. Assim, ao chegar ao país, Benoit Mure, em 1840, foi recebido pelo governo imperial e durante todos os anos em que aqui esteve, foi inteiramente apoiado por esse governo. Logo após sua chegada, o Império regulamentou (e portanto reconheceu) o seu exercício, pelo artigo 7 do Regulamento Sanitário Imperial. Em 1912 a República lhe dá o seu aval, reconhecendo a Faculdade de Medi-

Homeopática do Instituto Hahnemanniano do Brasil, o que foi ratificado pela lei 3271 de 30/set./57 que manteve o ensino da Homeopatia nessa Escola então federalizada.

Já há muitos anos que a farmácia homeopática é regida por normas do Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional e seu ensino obrigatório, por Lei Federal, nas Faculdades de Farmácia; em 1976 o governo federal aprova a Farmacopéia Homeopática Brasileira. Ora, por aqui vemos que o exercício da Homeopatia por médicos formados nas Faculdades comuns ou por médicos Homeopatas formados no Instituto Hahnemanniano do Brasil já está de há muito tempo devidamente regulamentado e reconhecido pelo governo brasileiro.

No entanto, desde a chegada ao Brasil de Benoit Mure em 1840 até nossos dias, apesar da insistência dos médicos homeopatas, não se conseguiu o reconhecimento do seu mister pelas associações médicas brasileiras. Assim, é regulamentada e reconhecida pelo governo mas para os médicos alopatas brasileiros a Homeopatia não existia... Essa é a situação que nos últimos 4 anos sofreu completa modificação e a Associação Médica Brasileira - A. M. B. - em sessão de 26/jul./79 comunicou, através de seu presidente Pedro Cassab, a criação na A. P. M. de um Departamento de Farmacologia e Terapêuticas Homeopáticas. Coroando os esforços de muitos homeopatas, a sociedade representativa e fiscalizadora máxima do exercício médico, o Conselho Federal de Medicina, finalmente, pela resolução nº 1000 de 1980 resolve incluir entre as especialidades médicas reconhecidas a Homeopatia, cujos registros de títulos começou a fazer em 1982 e do qual o registro um dos médicos integrantes do Grupo de Estudos Homeopáticos "Benoit Mure" já é portador com o número de série três (3).

E vejam... tanta polêmica, tanto trabalho, e no entanto ao ser criado o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo na década de 50, a carteira profissional de médico fornecida por esse Conselho ao Dr. Abraão Brickman, lhe consignava o título de "Médico Homeopata"... ora, ora, repetindo Tiradentes lembrado nesta época de fins de abril, "...antes tarde do que nunca..."

O comedor de comprimidos

— por Dinah Silveira de Queiroz —
(transcrito de *Pediatria Moderna*, fev., 1977)

Não era para rir a reportagem “A loucura dos Medicamentos”, que li numa capa de revista francesa. Mas a capa dava o recado que produziu meu instantâneo bom humor: numa cabeça de vidro, da face ao crânio, só se viam pílulas e comprimidos de todos os feitios e de todas as cores. Esta era uma capa do *L’Express*. Mas podia ser de qualquer revista brasileira. Somos condicionados, da aspirina à vitamina; do comprimido para o fígado, àquele que facilite a digestão; ou ainda a cápsula que nos tire o apetite e a uma eterna busca de mais e mais remédios.

A questão do receituário médico já esteve por várias vezes em pauta para debates no Congresso. Mas entendo que o brasileiro tenha, assim, a tentação de, ao passar por uma farmácia, perguntar já perturbado para si mesmo: — “Será que eu não preciso de nada?”. Se não está precisando comprará pelo menos algumas aspirinas, e é possível que leve mais vitaminas e cálcio para as crianças.

Tempo já houve — e começa voltar aos poucos, até pelos anúncios — de que a massa das beberagens vinha da terra. Por outro lado, durante toda a minha infância, não conheci remédios que não fossem da Homeopatia. E achava interessante que a mulher morena tivesse de tomar *Sepia*, quando louira, louira mesmo, deveria recorrer à *Pulsatilla*. *Gelsemium* e *Belladonna* era o que se tomava nas gripes ou resfriados, de acordo com a febre. Se viesse tosse *Bryonia*. E todos se curavam.

Recentemente em Buenos Aires, encontrei florescentíssimas farmácias homeopáticas, e consultórios de médicos homeopatas com enormes afluxos de clientes. Mas entre nós, dia após dia, não incrementada pelas fontes de comunicação e pela ambiência nas famílias, a homeopatia é feita quase uma curiosidade, caindo suas clínicas sobre os ombros de alguns poucos, bons e valorosos médicos, cujas receitas ainda custam bem pouco. Então, fica-se mesmo na base do autotratamento, na maior parte dos pequenos males que nos afligem. Alguém nos aconselha um remédio para o fígado, outro uma amiga sugere para a vista, outro para uma irritação na pele. Precisa-se urgentemente tomar um antialérgico, ou recorrer a vitaminas, se o apetite não vem? O brasileiro não hesita: em ter sempre um amigo farmacêutico que diz qual é a melhor injeção para a gripe, que se toma no momento (porque elas variam como a moda). E se o filho estiver com dor de ouvidos, ficará logo bom ao tomar essas pílulas e pingar no ouvido afetado tal líquido.

Pergunto-me se reuníssemos todas as pílulas, de todos os tamanhos e cores, cápsulas e drágeas de vitaminas que já tomamos, não poderíamos ter uma cuca feita de vidro, a imagem de nosso próprio “vício” de tomar remédios e mais remédios. Pois, embora os franceses se queixem não há quem os tome até por impulso como o brasileiro. ●

A Homeopatia nas Forças

Armadas brasileiras

O positivismo de Augusto Comte, tem como preceito básico a estruturação do mundo através das leis, através da ordem total e absoluta; declara guerra à metafísica afirmando ser 'verdade' somente os fatos observáveis, somente leis experimentalmente comprovadas.

Ora, a força da Homeopatia está justamente no conceito da experimentação pura, realizada no homem sã, trazendo em si os conceitos de uma ciência positivista. Possivelmente encontremos neste fato a razão pela qual os positivistas abraçaram a Homeopatia com a mesma paixão com que abraçaram os pensamentos de Comte.

Assim, levando adiante nossa analogia, vemos nossas Forças Armadas serem profundamente influenciadas filosoficamente (em especial o Exército) pelo pensamento positivista (Ordem e Progresso); esse movimento chega a influenciar o pensamento militar brasileiro mesmo dos nossos dias e tem fortes raízes no Instituto Militar de Engenharia. Logo, a Medicina de Hahnemann, tendo fundamentos semelhantes aos positivistas, encontra terreno fértil no Exército e cresce, gerando uma série de oficiais, generais, engenheiros, médicos homeopatas.

Um dos maiores nomes da Homeopatia é justamente o Prof. José Emygdio Rodrigues Galhardo, engenheiro militar e professor da Escola Militar do Realengo e pai de três filhos homeopatas,

um dos quais Marechal do Exército, Dr. Benjamin Galhardo.

Dentro do próprio Exército a Homeopatia foi exercida numa enfermaria do Hospital Central criada pelo Gen. Mallet, então ministro da Guerra. Na Marinha, também numa enfermaria, no seu hospital do Rio de Janeiro, que entre outros teve como médico o Prof. Alcides Nogueira da Silva.

A bem da verdade, deve-se observar que se a Homeopatia por um lado tem sua base científico-positiva na experimentação pura, por outro lado sua essência filosófica tem base no vitalismo e portanto metafísica, o que antagoniza o pensamento comteano.

Mas o fato é que a Homeopatia encontrou acolhida no meio militar, possivelmente, causado também, pela necessidade de pouquíssimos recursos técnicos para a obtenção e preparo dos medicamentos. E um exemplo

interessante e ilustrativo encontramos num trecho do livro de Nelson Tabajara de Oliveira sobre a "Coluna Prestes" e as revoltas de 1924, o qual transcrevemos abaixo, descrevendo como Luis Carlos Prestes, em plena luta, necessitando cuidar de seus homens, não só se utiliza da terapêutica homeopática, como passa a ser profundo conhecedor e defensor da Doutrina de Hahnemann.

Assim nos conta Nelson Tabajara de Oliveira:

"Prestes é de pequena estatura, cabeça grande, maior que a proporcional ao seu corpo, de notável simpatia, fala com clareza e eloquência e tem muito poder de insinuação.

"Neste particular há casos extraordinários. Ninguém ignora que sua capacidade de estudo é acima do comum. Na matéria que se propõe a dedicar-se, se torna profundo. Na Bolívia, tendo que atender soldados doentes, pois em pessoa se ocupava do tratamento das praças, dada a completa escassez de recursos da região, Prestes recorreu à Homeopatia. Para receber eficientemente, estudou com minúcia o formulário de cada droga, a dosagem, composição química, reações sobre o organismo e seus efeitos.

"Quando Prestes veio morar na Calle Gallo, era hábito dos seus moradores tomar refeições numa casa de família, ao lado, onde também almoçava um médico argentino, feroz alopata, inimigo fidalgo da Homeopatia, que reputava somente um recurso mágico para entreter os doentes. Desde o primeiro dia Prestes e o alopata passaram a travar acaloradas discussões.

"O esculápio argentino assumia ar de grande superioridade para opinar em Homeopatia, coisa de curandeiros, associada ao espiritismo, ridículo e mistificação, que sem o saber explorava as fontes psicológicas dos enfermos pobres. No seu ver a Homeopatia curava por sugestão, sendo por isso medicina que penetrava o campo da psiquiatria, mas nunca meio científico de socorrer os males. Prestes tomou a si a tarefa de 'desencaminhar' o alopata e tanto discutiu, convenceu, argumentou, apresentou exemplos, falou linguagem tão erudita, que ao cabo de dois meses já o médico argentino só receitava dentro do formulário homeopático". ●

Excesso de Abreugrafia faz mal

A revista ISTO É de 20 de abril de 1983 publica artigo alertando contra os males que o excesso de abreugrafias pode acarretar no corpo humano. Publicamos a seguir a íntegra desse artigo:

Os exames de raios X podem revelar doenças, mas podem também criar outras. Com este reparo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) expediu de sua sede, em Genebra, há duas semanas, forte advertência contra a "excessiva frequência" com que este exame é receitado pelos médicos. Os raios X, pondera a OMS, não são inócuos — mas sim uma significativa fonte de radiação que pode conduzir a tumores e alterações genéticas. "Muitos pedidos são feitos como rotina, e sem justificativa clínica", diz a OMS. "Os pacientes já chegam a acreditar que nenhum exame é completo sem os raios X".

No Brasil, a advertência vale não só para os médicos mas também para o governo, empresas e mesmo clubes. Antiquado, o artigo 168 da Consolidação das Leis do Trabalho obriga as empresas a renovar a abreugrafia dos funcionários a cada dois anos — e estes não conseguem empregos sem exibir a chamada chapa do pulmão. "Pedese abreugrafia até para o sujeito entrar na piscina do condomínio", lamenta o oftalmologista José Castelani, 46 anos, de São Paulo. Acostumado a diagnosticar cataratas produzidas por abreugrafias — a radiação lesa as fibras do cristalino e produz a doença — Castelani está em campanha contra a frequência dos exames e a qualidade dos aparelhos de raios X de São Paulo.

No ano passado, os aparelhos foram examinados por um grupo de físicos. Liderado pelo presidente da Associação Brasileira de Físicos em Medicina, Paulo Craveiro, 42 anos, o grupo testou oitenta aparelhos da Grande São Paulo.

"Alguns aparelhos mostraram excessos de até 1 rem", diz Craveiro, ou seja, três vezes mais que o admitido. Rem é a sigla inglesa de "roetgen equivalent in man", ou a medida da dose de raios X numa pessoa. E "roetgen", numa homenagem ao criador do aparelho de raios X em 1895, o alemão Wilhelm Roetgen, é a unidade de medida dos raios. A rigor, porém, os pesquisadores preferem a sigla rem para medir a intensidade dos raios X recebidos pelo público.

Segundo cálculos do pesquisador americano Arthur Upton, publicados na revista Scientific American, a dose letal de raios X num homem iria de 300 a 500 rem, dose mais próxima da bomba atômica que da abreugrafia. Um simples raio X, com máquina bem regulada, deve limitar-se a 500 milirem — ou a milésima parte de um rem. Uma radiografia dentária deve liberar no máximo 100 milirem. Mas, às vezes, a quantidade de raios é bem maior. Segundo o dr. Paulo Craveiro, "é comum as radiografias dentárias chegarem até 5 rem" — ou cinquenta vezes mais que o normal. O dado seria até desprezível se as pessoas não recebessem radiações de outras fontes, inclusive naturais, como os raios cósmicos e minerais radioativos que existem na Terra, como o Tório e Urânio. E de fontes artificiais mais prosaicas que os raios X, como a televisão.

Ainda que doses sejam minúsculas, os efeitos da radiação são inquietantes. A radiação eletromagnética que sai do aparelho de raios X, por exemplo, pode causar devastações químicas e biológicas no corpo humano. À medida que penetra nos tecidos, a radiação libera sua energia através de uma série de colisões e interações com átomos e moléculas do organismo. É inevitável, em consequência, a lesão das células — sobretudo no que elas têm de mais importante, o código genético. "Os raios X produzem centenas de rupturas nas moléculas de ADN e de todas as células que compõem o organismo", diz o dr. Arthur Upton.

Preocupado, ele relata experiências com ratos submetidos aos raios X que produziram filhos defei-

tuosos. Tal efeito ainda não foi diagnosticado no homem — mas já está demonstrada a relação entre a radiação de baixo nível, como a dos raios X, e tumores no pulmão e nas mamas de homens e mulheres. Diante da evidência de que esses efeitos nocivos superam a utilidade das radiografias, os cientistas começam a pesar mais os riscos que os benefícios desses exames.

Relação dos grupos de estudos homeopáticos no Brasil

Alagoas — Maceió Grupo de Estudos Homeopáticos "Melo Moraes"
Rua São Francisco, nº 297 — Prado CEP 57.000

Distrito Federal — Brasília: Romeu Arakaki, SQS 113, BI-E, Apto. 105 — Fone: 244-9389

Goiás-Goiânia: João Abrão do Nascimento, Av. T-8, nº 751 Setor Bueno — Fone: 251-3062

Minas Gerais-Belo Horizonte: Rua Henrique Passini, nº 563 Serra — CEP 30.000 — Fone: 225-3583

Paraná — Curitiba Javier Salvador Gamara Rua 15 de novembro, nº 556 - 8º andar — Fone: 23-7588

Londrina: Grupo Londrinense de Estudos Homeopáticos (GLES) Rua Arlindo Vieira, nº 187 — Cervejaria CEP 86.100

Rio Grande do Norte — Natal Maria Helena Silva — Trav. Jerônimo Camara, nº 3 — CEP 59.000

Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos para Promoção da Saúde Integral — Av. Gal. Cordeiro de Farias s/n. Cx. P. 42 — CEP 59.000

Instituto Hahnemanniano do Brasil — Rua Frei Caneca, nº 94 — CEP 20.000, Resende, Leonardo Mollica

São Paulo — Ribeirão Preto: Grupo de Estudos Homeopáticos — Centro Médico de Ribeirão Preto — Rua Tibiriça, nº 481

— São José dos Campos: Solange Rodrigues da Cunha — Av. 9 de julho, nº 319 — Fone: 21-8058 (primeiro sábado de cada mês às 15 hs)

São Paulo: Associação Paulista de Homeopatia — Rua Diogo de Faria, nº 839 — CEP — 04.037 — Fone: 37.4581

São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos Benoit Mure" — Rua Olavo Egídio, nº 379 — CEP — 02.037

Segundo aniversário do Hospital homeopático de São Paulo

*N*ão há exagero em afirmarmos que no mar revolto em que navega a Homeopatia brasileira, sua nau capitânia é o Hospital David Castro. Essa nau nestes 2 anos venceu tormentas, combates e calmarias paralisantes sob a força de várias tripulações.

Hoje atravessa os mares do tempo, num leia titânica, tripulada pelos marujos aqui inscritos:

Médicos Preceptores:

- Pedro P. de Campos
- Henrique Freres
- Sonia Ap. B. Brito
- Matilde A. Moura
- Maria de Fátima A. Rímoli
- Viviane Elaine Andrade

Recepção:

- Aparecida Gomes dos Santos
- Fátima Aparecida Canto
- Ercília Maria Caldas Figueiredo

Enfermagem:

- Maria Gercina
- Enilda Dias
- Edithe Catucci
- Sumeris Pires de Pereira
- Deuvita Rosas dos Santos

Serviços Gerais:

- Maria de Lourdes da Silva

Cozinha:

- Cantianilla Mazzoni dos Santos

Lavanderia:

- Adelia Daniel

Limpeza:

- Maria Ap. M. de Mello
- Tânia M. de Souza

Manutenção:

Deuclides Barbosa L. Neto

Administração:

- Regina Lopes da Silva
- Sr. Jacir

Direção:

George W. Galvão Nogueira